

DESCRIÇÃO DE UMA MINI-EXPERIÊNCIA TESTADA EM SALA DE AULA

Elisa Rodrigues Villanueva

Preocupada em formar profissionais críticos, comprometidos com a transformação da sociedade em que vivemos, nos 9 anos de magistério exercidos no curso de Serviço Social da UCDB, fizemos as seguintes observações:

- nossos alunos chegam à universidade extremamente “*podados*” em sua espontaneidade e criatividade, fruto de uma educação dominadora e castradora dos 1º e 2º graus, além das relações *normais* de domínio exercidos pela família.

- a sala de aula reproduz o sistema de dominação existente na sociedade e o professor, via de regra, não se dá conta disso e reforça o sistema.

Essas observações sugerem dificuldades consideráveis para alcançar o objetivo que citei acima e que repito ser essencial para uma atuação profissional transformadora. Mais complicado ainda se torna ao lembrar as palavras do Prof. Dr. Miguel Fernandes Perez¹: “*explicamos o que sabemos, ensinamos o que somos*”. Sem dúvida somos fruto de uma sociedade opressora e, salvo esforço pessoal e compromisso social, reproduzimos o que recebemos.

¹ Palestra realizada na UCDB - MS, 1993.

Como então formar profissionais e transformadores se não o somos?

Foi em George Snyders (apud Caporaline, 1991 : 106) que encontrei, de fato, a crença na capacidade do ser humano de transformar o meio, quando diz ele que a escola é essencialmente reprodutora das relações sociais vigentes, mas pode também ser transformadora, dependendo da ação de seus agentes. Entretanto, ao mesmo tempo que nos mostra uma saída, Snyders aponta a necessidade de todo professor rever sua ação pedagógica e, conseqüentemente, sua postura ideológica. A revisão da postura ideológica implica em uma visão crítica da realidade, ou seja, em desenvolver a capacidade crítica. Para Paulo Freire (1983 : 40-41), ter consciência crítica consiste, resumidamente, em analisar os problemas em profundidade, estar sempre disposto a fazer revisões, é livrar-se de preconceitos, é substituir explicações mágicas por princípios autênticos de causalidade, é amar o diálogo, é indagar, investigar, forçar, chocar e, acima de tudo, reconhecer que a realidade é mutável.

Estamos dispostos a isso?

A resposta para essa pergunta deve estar ligada a: que aluno queremos formar?

A partir dessas reflexões busquei, durante esse primeiro ano de curso de mestrado em formação de professores, levar para minha sala de aula mais que informação a respeito de métodos, técnicas e instrumentos de ação profissional, reflexões sobre a realidade a partir de análises simples de conjuntura, para uma melhor compreensão da estrutura sócio-política e econômica em que estamos inseridos.

Identificada com as propostas pedagógicas construtivistas, procurei iniciar as reflexões a partir do conhecimento prévio dos alunos, propondo que cada aula tivesse início pela exposição do tema da aula por um grupo de alunos, tendo por base apenas o conhecimento empírico por eles já adquirido sobre o assunto.

Observei que quanto mais espontânea fosse a exposição, mais a compreensão se aproximava do objetivo que eu havia proposto alcançar, e que as maiores divergências apareciam quando o grupo se valia de textos para falar sobre o assunto.

Apesar de tratar-se de uma experiência muito pequena e pouco representativa, acreditei poder concluir que:

- a participação nas aulas foi maior;
- os alunos têm mais conhecimentos do que acreditam possuir;
- vencida a inibição de expor suas próprias idéias a respeito de algum assunto, a compreensão é buscada através de leituras, ou seja, a interpretação do que diz um autor através de seu texto é normalmente mais difícil para o aluno.

A principal conclusão, entretanto, não foi possível ainda avaliar, mas sentimos ter sido alcançada pela maior segurança e satisfação do aluno com a matéria, e por ter sido essa uma aprendizagem que eu poderia chamar de significativa, a partir de organizadores prévios comparativos, que mostraram as semelhanças e diferenças entre o conteúdo que eu queria introduzir e as idéias já estabelecidas na estrutura cognitiva do aluno.

Acredito ter muita pretensão conseguir tanto com tão pouco, sabendo que a estratégia dos organizadores prévios ainda é bastante questionável, mas é, sem dúvida, um primeiro passo que eu pretendo firmar e continuar na busca de um ensino que possa formar profissionais competentes, críticos e transformadores.

BIBLIOGRAFIA

- ARAGÃO, Rosália M. R. *Reflexões sobre ensino, aprendizagem, conhecimento...* Revista de Ciência e Tecnologia, 1993.
- CAPORALINE, Maria Bernadete Santa Cecília. *A transformação do conhecimento e o ensino noturno*. Campinas : Papirus, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 13. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
- MOREIRA, Marco A. e outros. *Organizadores prévios como estratégia para facilitar a aprendizagem significativa*. São Paulo (40): Cadernos de Pesquisa, 41-53, fev. 1982.